

TERTULIANO, ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA

Esta apresentação¹ será centrada numa simples evocação histórica, ou mais precisamente na evocação da memória de uma figura marcante, de acentuado realce intelectual tanto para as letras latinas como para a literatura cristã e a história da teologia; segundo Harnack, esse personagem foi “o fundador da teologia ocidental”. Mas de certo modo, embora de forma ainda hoje discutida, ele teve também certa influência na tradição filosófica ocidental; por isso vamos considerá-lo aqui entre a filosofia e a teologia. Trata-se, é verdade, de uma figura particularmente polêmica. Mais particularmente, de um autor ainda bastante desconhecido em língua portuguesa... E o que é pior : quando seu nome é citado o que vem em primeiro lugar à mente de muitos é uma frase tristemente famosa – *credo quia absurdum* – que ele nunca escreveu! Estou falando de Tertuliano.

A vida

Quinto Sétimo Florêncio Tertuliano nasceu em Cartago (África do norte) por volta do ano 160 e faleceu por volta de 230, não se sabe ao certo. Sua biografia, ainda hoje, é cheia de sombras. Segundo São Jerônimo, era filho de um centurião romano na África proconsular. Seu pai, assim como toda a sua família, eram, como se diz não sem impropriedade, “pagãos”, mais precisamente cidadãos romanos que, nessa qualidade, eram naturalmente adeptos da religião pública romana, e foi essa a forma cultural na qual Tertuliano viveu até a idade adulta.

Sua formação intelectual, de alto nível como bem se vê em seus escritos e no uso que faz do latim, se deu certamente em Cartago, e

¹ Apresentação feita no “Café Filosófico”, em São Paulo, no dia 26 de outubro de 2009. Parte deste texto encontra-se publicada no artigo “Tertuliano – A Verdade peregrina”, *Revista Dominicana de Teologia*, ano 1, n.2, jan/jun 2006, pp. 30-44. As obras de Tertuliano são citadas segundo as edições originais oferecidas pelo site www.tertullian.org e/ou pela coleção *Sources Chrétiennes*.

possivelmente também em Roma, onde Tertuliano parece ter vivido durante certo tempo. Ele pode então ser apresentado, primeiramente, como intelectual romano e pagão, de espírito muitíssimo curioso, bem formado, falando e escrevendo perfeitamente as duas línguas da grande cultura de então - o grego e o latim -, bom conhecedor das letras, da filosofia estoica e sobretudo do direito romano.

Em algum momento e em algum lugar – talvez em Roma nos anos finais do século II – ele resolveu mudar o rumo de sua existência, e essa mudança, ou “conversão”, é que iria fazer dele o escritor cuja obra chegou até nós.

Mas que mudança? A julgar pelo que parecem sugerir algumas passagens de várias obras suas, após uma vida que teria sido envolvida por aquilo que ele passaria então a considerar “dissipações e prazeres, torpezas e pecados”, sem esquecer o entrechoque de interesses materiais e imateriais ("*conflictatione carnis et spiritus*")², Tertuliano deixou a religião romana tradicional para aderir a uma religião nova, ou mais precisamente a uma “seita desconhecida e ignorada”³, o que não impedia que ela fosse também, e já então, duramente reprimida.

Convém aqui evitar anacronismos afastando qualquer ideia de pieguice. Tertuliano era um homem de feitio conflitivo e de medidas drásticas. Assim, talvez a melhor maneira de considerar tal “conversão” seja como ruptura total de situação, mudança de costumes, de estilo, talvez de profissão e moradia, de mentalidade, de convicções religiosas etc... Mais ou menos, respeitados os devidos sentidos, como ocorria ao tempo das grandes opções político-ideológicas, de conteúdo e não de oportunismo eleitoral, quando os militantes ardorosa e literalmente mudavam de vida, mudavam-se de tudo...

² Toda essa terminologia é dele : *De baptismo*, 20, 1; despedindo-se dos leitores desse seu tratado, ele lhes pedia que em suas preces se lembrassem do "peccator" que era. Ver também *De paenitentia* I, 1; IV, 2; XII, 9; *De patientia* I,1; *Apologeticum* XV, 5; *De resurrectione mortuorum*, 59, 3, etc.

³ "ignota secta" : cf. *Apologeticum* III, 8.

Pode-se falar aqui, como já se falou para Agostinho⁴, de conversão da inteligência no sentido que tal expressão tinha para os homens da Antiguidade : servir-se da “filosofia” (amor à sabedoria) para definir um novo modo de vida terrena, uma nova maneira de ser e existir; talvez também se possa dizer : a busca ardorosa da verdade como caminho de salvação, isto é, como “trans-formação” – forma transcendente de vida, um pouco na linha do “exercício espiritual” que Pierre Hadot evoca como característica da filosofia antiga⁵. Talvez isso possa se articular também com o que M. Foucault descreveu como “*parresia* cristã”, a coragem da verdade situando-se “no eixo vertical de uma relação com Deus”, ou como “forma de confiança geral dos cristãos com referência a Deus”⁶. Santo Agostinho, por sua vez, aludia à “*exercitatio animi*” como o caminho para chegar a Deus, ou, de acordo com o neologismo que ele criou para isso, “*deificari*”⁷.

Para quem opera essa mudança ou “conversão”, o mundo passa então a ser visto, quase que inevitavelmente, numa espécie de bipolaridade antagônica, pela contraposição do “vós e nós”, o “nós” com a verdade, e o outro lado - o “vós” - com os seus contrários : erro, falsidade, ilusão, ou numa palavra “enganação geral”! Assim fará Tertuliano com aqueles – melhor dizendo : contra aqueles - que ficaram na situação com a qual ele rompera por não poder suportá-la mais, e só Deus sabe por que motivos e sob quais influências! Digo isso porque Tertuliano é de uma reserva total no que diz respeito à sua biografia e à sua conversão.

Essa nova religião, ou “seita ignorada” que passou a abraçar, embora já fosse mais que centenária, ainda não havia consolidado um nome próprio legítimo entre os habitantes do império; na verdade, e embora já contasse com número significativo de membros inclusive ao que

⁴ Serge Lancel, *Saint Augustin*, Fayard, Paris, 1999, p. 117

⁵ Pierre Hadot, *Qu'est-ce que la philosophie antique ?*, Éditions Gallimard, 1995

⁶ Michel Foucault, *Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II*, Gallimard/Seuil, Paris, 2009 ; para as citações, pp. 297 e 301

⁷ Epist. 10 (A Nebridio); cf. S. Lancel, op. cit., p. 191.

parece nas altas esferas do poder imperial, era uma *religio illicita*, ou seja, não autorizada a manifestar-se ou a estabelecer-se publicamente. Essa situação de ilegalidade, ou de clandestinidade, acarretava, segundo o direito romano, medidas de repressão aos seus seguidores, repressão essa que parece ter sido não só apoiada mas estimulada pela hostilidade de boa parte da população... De tal forma que o simples nome “cristão” era motivo suficiente para que o aparelho repressivo legal se pusesse a funcionar. Mais ou menos como ocorreu nos EUA nos anos 50 sob o macarthismo, ou no Brasil da ditadura de 1964 com os nomes de “subversivo”, de “comunista” ou de “esquerdista”...

Numa passagem célebre (*Ad nationes*, I, iii), escreve Tertuliano : “Parece que aos vossos olhos nosso crime consiste apenas no nome que temos. Se não fosse assim, quando somos condenados as sentenças deviam declarar : Fulano é culpado de homicídio, ou de incesto ou de qualquer outro crime que se nos imputa; que seja então crucificado ou entregue às feras. Ora, vossas sentenças não declaram nada disso, mas apenas que fulano reconheceu ser cristão! Isso não é o nome de um crime, mas o crime de um nome! É esse nome que motiva tanto ódio contra nós. É o nosso nome que é visado. Vós não sabeis quem somos, e nem quereis saber (...). Vós que com tanta violência quereis destruir esse nome, dizei-nos quais podem ser o crime, a ofensa e a culpa desse nome. Não tendes o direito de julgar um crime imaginário, que não está mencionado em vossos códigos, que não está definido em vossas ordens de prisão e que não é nem mesmo declarado em vossas sentenças (...). Um simples nome não pode ser punido nem pela espada, nem pela cruz, nem pelos dentes das feras !”

Convém notar que ao tempo de Tertuliano já existiam rescritos, ou decretos imperiais (Trajano, Adriano), tentando refrear a hostilidade da população contra os cristãos e a regular os processos, por exemplo recusando denúncias anônimas e exigindo acusações formais. Mesmo assim, o *nomen christianum* continuava proscrito : o cristão formalmente acusado por ser cristão e que não atendesse à ordem do magistrado de

fazer um ato público de culto aos deuses do império ou ao próprio imperador era condenado à pena capital. Essa situação só mudará no decorrer do século IV.

Aderir àquela nova religião consistia, pois, em pôr-se à margem da legalidade imperial, expondo-se às penas da lei. Mas foi o que fez Tertuliano, não – presume-se - por simples desejo de marginalização, mas atraído por um sentido sobre o qual ele iria manifestar-se amplamente, para não dizer única e exclusivamente; procuremos, pois, ouvi-lo na sua própria linguagem! Segundo a praxe da tradição filosófica de seu tempo, particularmente da estoica, Tertuliano estava em busca de uma doutrina e de uma “regra” de vida.

Assim sendo, Tertuliano aderiu ao que tantas vezes chamou de "seita de Deus" ou "seita cristã"⁸. No latim clássico, “*secta*” significava séquito, seguimento, grupo de pessoas com opção filosófica específica; em sentido figurado indicava também um gênero de vida, o seguimento de determinados princípios. É assim que Cícero se refere à palavra seita, criticando por exemplo os seguidores de Epicuro, mas louvando os da Stoa, ou estoicismo (ver *Brutus* 120 [e 31], *Epistulae ad familiares* 13, 4, 2, e principalmente *De natura deorum*, I, 10, 21 e 33, e II, 18 e 29).

Note-se de passagem que é ao estoicismo que Tertuliano (assim como Clemente de Alexandria no cristianismo grego) recorrerá para conceitualizar a “nova seita”, que ele descreverá como sendo a “*fides et disciplina christianorum*” (*Apol* XXIII,11), apoiada na antiguidade das escrituras que lhe eram próprias (“*litterarum nostrarum fides*”, id. XXIII, 18). Aliás, pelo menos no plano da vida moral (ressalvada a diferença de concepção da morte), Tertuliano considerava Sêneca como um pensador cujos pontos de vista muitas vezes cruzavam-se com os dos cristãos : “*Sicut et Seneca saepe noster...*” (*De anima*, XX).

⁸ "Dei sectae", *Apol*. XXXIX, 6, ou "Christiana secta", id. XL, 7.

Essa seita era para ele a "verdadeira religião do verdadeiro Deus"⁹, do Deus único e de "perfeita majestade"¹⁰ ante o panteão romano e o mundo. Como se depreende dessas suas palavras, ele buscava nesse novo grupo – ou seita – um novo sentido para sua vida, e para o intelectual que era o sinônimo desse sentido era “a verdade” : só no *Apologeticum*, obra de defesa do cristianismo e de acusação da repressão imperial, a palavra aparece dezenas de vezes... Para ele, juntamente com o nome cristão, a verdade fez sua entrada no mundo, mas essa “verdade foi detestada desde que nasceu : bastou surgir para ser tratada como inimiga”¹¹. Numa passagem célebre do mesmo *Apologeticum*, confrontando as autoridades do império romano, Tertuliano escreveu : “Houve um tempo em que nós também, como vós, ríamos dessas verdades; afinal de contas, já fomos do mesmo mundo. Ninguém nasce cristão, mas torna-se cristão” (*fiunt, non nascuntur christiani*, Apol. XVIII, 4; afirmação equivalente em *De testimonio animae* I,1).

Estima-se que a conversão de Tertuliano tenha se dado no final do século II, e há quem pense que o “espetáculo” de mártires cristãos nas arenas romanas, a que teria assistido, o tenha levado à simpatia para com aquela seita.

Tanto quanto se sabe até hoje, Tertuliano é o primeiro intelectual cristão; mais precisamente, o primeiro grande intelectual da tradição cristã latina, na opinião de boa parte dos estudiosos de sua obra. Para Pierre de Labriolle, por exemplo, ele é o "pai da literatura latina cristã" que sua "personalidade original e pujante inaugurou no ocidente de modo resplandecente"¹². Para o historiador e teólogo luterano Adolf von Harnack ele foi, como mencionado antes, “o fundador da teologia ocidental”. Mais perto de nós, o historiador da Patrística Hans von Campenhausen, reconhece em Tertuliano "o primeiro teólogo latino, a primeira

⁹ "vera religio veri Dei" : *Apol.* XXIV, 2.

¹⁰ *id.*, 3.

¹¹ "Cum odio sui coepit veritas; simul apparuit, inimica est" : *id.* VII, 3.

¹² Pierre de Labriolle, *Histoire de la littérature latine chrétienne. De Tertullien à Boèce*, Paris, 1920.

personalidade de envergadura do Ocidente cristão", assim como "o mais penetrante dos exegetas da Igreja antiga"¹³.

Tertuliano foi casado, e é conhecido o tratado (*Ad Uxorem*) que escreveu para sua mulher, entre outras coisas aconselhando-a a não contrair um segundo matrimônio após a morte dele. Coisa interessante, os especialistas ainda discutem se ele foi ou não presbítero. Tal informação aparece pela primeira vez num escrito de São Jerônimo (*De viris illustribus* LXIII : *Tertullianus, presbyter...*), escrevendo cerca de dois séculos após a morte de Tertuliano. No entanto, o próprio Tertuliano, pelo menos em três passagens de sua vasta obra, parece apresentar-se como um simples leigo, acrescentando não ter nenhuma autoridade na Igreja (*De exhortatione castitatis* 7,3; *De Monogamia* 12,2; ver também *Ad martyres* 1,2).

Noutras passagens podemos ler : “ Nós [entenda-se : os fiéis leigos] somos os verdadeiros adoradores e sacerdotes...” (*De oratione* 28,3); ou esta outra que merece ser citada : "Mesmo sendo leigos, não somos também sacerdotes? Está escrito (Apoc 1, 6) que o Cristo fez de nós reino, sacerdotes de Deus seu Pai. Entre clérigos e leigos, a diferença é constituída pela investidura da Igreja, que honra alguns com essa precedência [*"honor per ordinis"*]. Mas onde não há assembleia nem a precedência dos ordenados, vós [os fiéis leigos] ofereceis o sacrifício, batizais, sois sacerdotes por vós mesmos, de pleno direito. Lá onde se encontram três fiéis, mmesmo que sejam leigos, ali está a Igreja" (*"ubi tres, ibi Ecclesia est, licet laici"* : *De exhortatione castitatis*, 7). Ou ainda esta outra passagem : " quando se torna necessário reanimar ou "contestar" [*inflamur* : incitar-e-irritar!...] o clero, todos nós nos levantamos como um só homem, todos nós somos sacerdotes, porque Deus Pai nos fez sacerdotes. Quando se trata de estender a todos as prescrições onerosas da disciplina sacerdotal, todos nós apresentamos nossas credenciais [do sacerdócio universal], pois somos todos iguais [*"et pares sumus"* : *De monogamia* 12]."

¹³ Les Pères Latins, Paris, Éditions de l'Orante, 1967, pp. 12 e 13.

Na verdade, mesmo se não dispunha de autoridade "oficial" e hierárquica, ele exercia uma grande ascendência moral, espiritual e intelectual sobre a comunidade cristã de Cartago. Naquele tempo, acontecia de os leigos serem convidados a tomar a palavra para tratar diante da comunidade reunida de algum tema bíblico, ou para proferir conferências de caráter doutrinal e teológico, diferentes das homilias propriamente ditas, estas via de regra a cargo do bispo. É possível, portanto, que Tertuliano tenha sido um desses "didáscalos" da Igreja de Cartago¹⁴, ensinando "*ad aedificationem*", particularmente dos catecúmenos (*auditores*) que eram instruídos nas coisas da fé em vista do batismo : "*quia inter auditorum tirocinium deputatur*"¹⁵.

Decerto seria o mais prestigioso dos didáscalos, a julgar pela entusiástica afirmação de São Jerônimo segundo a qual ninguém era mais sábio nem de espírito mais penetrante do que esse primeiro intelectual cristão latino¹⁶. Segundo "*O Pastor*", de Hermas (várias menções), os didáscalos não pertenciam ao clero : eram fiéis leigos qualificados na cultura da fé, eram os doutos, ou "doutores" : são os antepassados dos "teólogos".

Mas como já foi dito, Tertuliano em seus escritos mostrou-se extremamente reservado quanto aos fatos de sua vida, e portanto, a esse respeito, devemos avançar muito discretamente. Em determinada altura de sua vida e por motivos ainda não de todo esclarecidos, ele teria se afastado da Igreja (a "*Catholica*", na terminologia unitária daquele tempo) aderindo, segundo a informação de Jerônimo, à seita de Montano, ou montanismo,¹⁷

¹⁴ Cf. a Introdução de Charles Munier em *Tertullien, La Pénitence*, col. Sources Chrétiennes, Cerf, Paris, 1984, p. 9. O próprio Tertuliano parece fazer alusão a reuniões comunitárias dessa natureza em *Apol. XXXIX, 18*.

¹⁵ *De paenitentia*, respectivamente V,8 e VI, 14-17.

¹⁶ "Quid Tertulliano eruditius, quid acutius?", em *Epist. 70, 5*.

¹⁷ *De viris illustribus* LXIII, *Patrologia Latina* 23, 663A. O montanismo, movimento espiritual, profético e escatológico, surgiu na Frígia (Ásia Menor) na segunda metade do século II, sob a liderança de Montano – ex-sacerdote do culto de Cibele recém-convertido à fé cristã – e de duas mulheres, Priscila e Maximila. Em alusão à origem geográfica do movimento, seus adeptos serão também chamados de Catafrígios.

e à sua "religião do Espírito Paráclito"¹⁸ bem como ao extremado rigorismo moral da seita ; os seguidores do montanismo anunciavam a vinda do Espírito para breve, afirmavam a preeminência da livre profecia sobre as regras da autoridade eclesial, e para exaltar a castidade condenavam o casamento particularmente no tocante às segundas núpcias.

Segundo Jerônimo, que não guardava nem a língua nem a pena na algibeira, a passagem de Tertuliano ao montanismo ocorreu por causa das intrigas e ofensas dos clérigos de Roma¹⁹. Mas convenhamos : por verídica que seja tal informação, ela não basta para explicar mudança tão radical no grande teólogo. Mudança que deve ter ocorrido entre os anos de 206 e 210, mas que se dá, convém ressaltar, quando o movimento montanista ainda se encontrava no seio da "*Catholica*"; mesmo depois da separação, o montanismo ao que parece não rejeitou os artigos do Credo...

Mas a quietude talvez não fosse para ele o ambiente propício, pois desentendeu-se também com os montanistas, e teria passado os últimos anos de sua existência como líder de uma pequena comunidade religiosa com sede em Cartago que passou para a história como sendo a dos "tertulianistas". Temos aqui o testemunho de Agostinho : cerca de dois séculos após a morte de Tertuliano esses seus discípulos, convencidos pelo bispo de Hipona, "à Católica voltaram, e à Católica entregaram a sua basílica"²⁰.

Já se falou e fala-se, a respeito de Tertuliano, de "*damnatio memoriae*" ou seja, de exclusão, repulsa e condenação de tudo que a ele e à lembrança dele diz respeito... Com efeito, desde sua morte, seu nome deixou de ser mencionado, ou quando o era vinha seguido de anátemas por heresia, apostasia e cisma, cumulativamente ou não! Mas teria ele sido tudo isso, e assim? Na verdade, sua memória nunca foi esquecida na

¹⁸ Cf. Charles Munier, op. cit., p. 93.

¹⁹ "...*hic cum usque ad mediam aetatem presbyter Ecclesiae permansisset invidia postea et contumeliis clericorum Romanae Ecclesiae, ad Montani dogma delapsus*", *De viris...*, loc. cit.

²⁰ "... *in Catholicam transierunt, suamque basilicam, quae nunc etiam notissima est, Catholicae tradiderunt*", Agostinho, *De haeresibus*, 86 em PL 42, col. 46

Igreja, nem foi apenas objeto de danação. Quase todos os grandes Padres latinos conheciam seus escritos e serviram-se deles, na maioria das vezes sem indicar a legítima autoria²¹.

Hilário de Poitiers lamentava que os "erros da pessoa" viessem prejudicar o valor de seus escritos. Agostinho, embora o lesse e dele por vezes se inspirasse mencionando-o ou não, inscreveu o nome do autor de "*opuscula eloquentissime scripta*" entre os hereges, mas com importantes e criteriosas ressalvas.²² Cipriano, cartaginês como ele mas bem mais novo, que só o conheceu através da sua obra, tinha por Tertuliano um grande respeito, como a um verdadeiro mestre. Segundo Jerônimo, a cada dia, ao começar seus trabalhos, Cipriano dirigia-se a seu estenógrafo (um misto de secretário e copista) dizendo-lhe : "*da magistrum* ", "dê-me o mestre", ou seja : leia-me algumas passagens de Tertuliano antes de começar a jornada! É sabido que na parte do tempo que lhe era deixada livre por sua atividade episcopal, Cipriano consagrava-se a dois tipos de leitura : as Escrituras Sagradas e os escritos de Tertuliano, e nestes se inspirava largamente para a elaboração de sua própria obra, muito embora não citasse o nome de Tertuliano que já naquele tempo tinha se tornado incômodo. Contudo, a voz de Tertuliano continuou viva, e "a posteridade mostrou-se mais generosa com ele, e fez bem agindo assim", como escreveu Gustave Bardy²³.

A obra

²¹ Ver lista detalhada com referências em A. d'Alès, *La théologie de Tertullien*, Beauchesne, Paris, 1905, em Apêndice, pp. 499-503.

²² *De haeresibus* 86 : após examinar criticamente o fato de os escritos de Tertuliano empregarem "o nome de corpo" para falar da alma humana e de Deus, atribuindo-lhes assim certa materialidade, Agostinho de certo modo o desculpava dizendo que "não é sob esse aspecto que Tertuliano é herege, mas por ter aderido ao grupo dos Catafrígios, que condenava as segundas núpcias por considerá-las como uma forma de estupro (*tamquam supra damnare*)". Essa postura rigorista de Tertuliano é que era, para Agostinho, contrária "à doutrina apostólica" tal como se pode ler em 1 Tm 4,3. Para outras alusões de Agostinho a Tertuliano, ver também *De civitate Dei* VII, 1 e XIV, 23; *En. in Psalmos* 140, 17; *Epist.* 190, 14; *De bono viduitatis* 6,7.

²³ Gustave Bardy, *Littérature Latine Chrétienne*, Bloud & Gay, Paris, 1929, p. 29.

Evoquemos então agora as linhas gerais de sua obra, constituída de 37 livros, sendo que 6 estão perdidos. Aproveito para assinalar e louvar o excelente site criado em 1997 e desde então mantido por Roger Pearse, no qual se encontra a obra completa em latim de Tertuliano, e traduções em geral também completas em diversas línguas modernas, além de uma série de outras informações sobre a obra, as edições e a bibliografia de nosso autor. De igual modo, assinalo também as publicações em curso dos livros de Tertuliano na coleção francesa *Sources Chrétiennes* : até agora já foram publicados 23 volumes correspondendo a 16 livros; são primorosas edições críticas do texto latino seguido de tradução em francês, levadas a cabo por reconhecidos especialistas.

Costuma-se classificar a obra de Tertuliano, não sem certos riscos para a inteligência dela, sob três aspectos : escritos apologéticos, escritos “disciplinares” e escritos de polêmica doutrinal. Em outras palavras : de defesa do cristianismo contra a repressão imperial, de ensinamento acerca da fé e dos costumes cristãos, e de crítica e combate às propostas heterodoxas da fé cristã. Uma coisa é certa : todos esses escritos visam, de uma forma ou de outra, aquilo que Tertuliano entendia como sendo e devendo ser a integridade da fé, tanto do ponto de vista doutrinal (*regula fidei*) como da vida moral (*disciplina fidei*).

Discute-se ainda se, nesse caminho trilhado por ele, a “filosofia” teria sido deixada de lado, ou recusada; há quem o pense e há quem não o pense. O assunto pode ser considerado sob vários aspectos; detenho-me aqui no que já foi rapidamente evocado : como estilo de vida, como exercício espiritual, como busca de uma doutrina e de uma regra de vida que conduzam à verdade, Tertuliano situava-se na forma da tradição filosófica romana de seu tempo! Muitas são as passagens de sua obra que o atestam. Como seus contemporâneos intelectuais, ele também prezava o “amor à sabedoria”, ou filosofia, como fez questão de explicitar, por exemplo, nesta passagem do *Apologeticum* XIX, 5 : “Vossas leis, como vossa filosofia, têm suas origens na lei e na doutrina divinas. E é por isso

que tendes coisas em comum conosco ou que são próximas das nossas. É de *sophia* que o amor à sabedoria foi chamado de filosofia (...). Mas os homens que só buscam a própria glória desfiguraram [a comum origem]. Há frutos que também degeneram apesar da qualidade da semente”.

Essa semente, ponto em comum entre os “filósofos” e os cristãos, seria então Deus. Mas que Deus? Aquele “que criou o mundo por sua palavra, sua razão e seu poder : mesmo vossos filósofos nele reconhecem o Logos, isto é o Verbo, a sabedoria, que é o arquiteto do mundo (...). Nós, os cristãos, também dizemos [como vossos filósofos] que a substância própria do Verbo, da razão e do poder, com a qual Deus tudo fez, é um Espírito, Verbo quando ordena, razão quando dispõe e poder quando realiza (...) Deus é espírito” (*Apol XXI*).

Considerar essa concepção da filosofia como alheia ou oposta à “razão” (em suas diversas acepções) seria, a meu ver, um engano. Para Tertuliano, a “filosofia” como tal tem leis próprias, que devem ser respeitadas por quem a pratica, mas nem sempre o são : “há muitos que são ditos ou se dizem filósofos, mas que não obedecem às leis da filosofia” (*Ad Nationes*, I, v). Essas leis ancoram-se na verdade e em sua origem, é o Logos, palavra e razão (*sermo atque ratio*). A disparidade (ou desigualdade?) entre a filosofia dos pagãos e a dos cristãos estaria, pois, não na recusa da razão, mas na finalidade ou nos efeitos práticos do Logos manifestando e qualificando a verdade, se assim posso me expressar, e a qualificando como eterna : para Tertuliano, “Jesus Cristo manifestou em toda parte o Logos em sua pessoa, isto é, o Verbo eterno de Deus, sempre repleto de seu poder e de sua razão, e sempre sustentado por seu Espírito (*Apol XXI*)”.

Aqui cruzam-se dois estatutos diferenciados, mas não excludentes por princípio : a razão (ato de pensar) e a “fé/*fides*”, ato de confiar, que para ser o que é e deve ser – a apreensão de imaterialidade no real ou sua transcendência - não pode postular uma plataforma de irracionalidade, ou de absurdo. E Tertuliano não a postulou!

Que me seja permitido um parêntese para comentar rapidamente aqui o verbete “Razão” – na realidade um longo artigo – na emblemática Enciclopédia francesa, dita também de Diderot e D’Alembert. Contrariamente ao que por vezes se pensa, ali não se opõe a razão à fé! E penso eu que Tertuliano não recusaria o que ali se diz de essencial sobre a razão, analisada em seus diversos sentidos, tanto mais que se fala das “leis naturais e outras leis gerais que Deus estabeleceu ao criar este universo”...

Vejamos : “Por razão, entende-se simplesmente e sem restrição essa faculdade natural com que Deus provê os homens para conhecer a verdade, seja qual for a luz que ela siga, e a matéria a que se aplique. [...] Também se entende por razão a própria luz natural, pela qual a razão se deixa conduzir [...]. Por razão ainda se pode entender o encadeamento das verdades que o ser humano pode atingir naturalmente, sem a ajuda das luzes da fé. As verdades da razão são de dois tipos : umas são as verdades eternas, que são absolutamente necessárias [...]; as outras se podem chamar de verdades positivas, pois são leis que aprouve a Deus dar à natureza[...] Veja-se o artigo MISTÉRIOS, onde se prova contra Bayle a conformidade da fé com a razão considerada como esse encadeamento de verdades eternas, que são absolutamente necessárias. Na sequência [do artigo], vai-se marcar as balizas precisas que se acham entre a fé e a razão” !

E já que estamos a folhear a Enciclopédia, eis um extrato do que se pode ler no artigo “Teologia” : “A Teologia propriamente dita é uma ciência que, fundando-se sobre princípios revelados, tira conclusões tanto acerca de Deus, sua natureza, seus atributos etc, assim como sobre todas as outras coisas que podem ter relação com Deus; daí que a Teologia engloba em seu modo de proceder o uso da razão à certeza da revelação, sendo pois fundada em parte sobre as luzes da revelação e em parte sobre as luzes da razão”. (Ver <http://diderot.alembert.free.fr/T.html>)

Disse eu no início que a “famosa” frase *credo quia absurdum* não se encontra nos escritos de Tertuliano. A frase autêntica que serviu de base a essa confusão que ainda perdura encontra-se em seu *De carne Christi* (V,4) e é a seguinte : “*et mortuus est dei filius; credibilie est quia ineptum est*”. Em tradução literal : “o Filho de Deus está morto : isto é crível porque é inepto”. Tanto quanto se sabe, a frase foi deformada em algum momento por algum comentador medieval, e tomada depois como uma profissão de fé irracionalista. Como para qualquer frase de qualquer autor, ela deve ser compreendida no contexto em que foi escrita.

Nessa passagem, Tertuliano está, com a veemência de sempre, comentando trechos do Novo Testamento sobre a realidade bruta e o sentido da morte de Jesus, e defendendo a fé, no caso, dos riscos do docetismo, tendência heterodoxa cristã para a qual o Cristo não tinha um corpo real mas apenas aparente, e portanto todos os seus atos incluindo a crucifixão teriam sido mera aparência. Aos olhos humanos, diz Tertuliano, essa morte foi vergonhosa. Ora, essa vergonha, essa desonra, na verdade tornou-se necessária à fé; sem a realidade dessa morte, a fé seria falsa e vã a esperança dos cristãos. Assim sendo, o cristão pode, paradoxalmente, orgulhar-se dessa vergonha : ela merece ser crida embora seja, ou pareça, inepta aos olhos do mundo. O campo de aplicação da frase é limitado não pela recusa da razão, mas pelo objetivo : refutar o docetismo, pela interpretação bíblica proposta e pelo método retórico utilizado : para a sabedoria de Deus a morte de Seu Filho não é nem inepta nem absurda.

Mas esta não é a única frase que se costuma destacar para demonstrar o que seria o irracionalismo de Tertuliano. Há pelo menos uma outra, essa autêntica quanto à literalidade, e encontra-se em seu tratado de crítica geral das heresias (*De praescriptione haereticorum*, VII) : “Que há de comum entre Atenas e Jerusalém ? entre a Academia e a Igreja ? entre os hereges e os cristãos? Nossa doutrina vem do pórtico de Salomão, que nos ensinou que é preciso buscar Deus com toda a simplicidade do coração.”

Tertuliano está agora comentando a passagem da carta de Paulo aos Colossenses (2, 8) : “Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da filosofia, segundo a tradição dos homens...”. Em seu comentário, Tertuliano relembra que Paulo esteve em Atenas, onde conheceu “aquela sabedoria profana que se enaltece de ensinar a verdade que de fato ela corrompe, posto que tal sabedoria está dividida em diversas seitas que se assemelham a heresias”. E é então que Tertuliano, num evidente arroubo retórico, se pergunta, para responder negativamente, sobre o que há de comum não apenas entre Atenas e Jerusalém – convém notar! - , mas também entre a Academia e a Igreja e entre os hereges e os cristãos (entenda-se ortodoxos). É mais uma vez aqui a preocupação de defender a ideia que ele se faz da verdade contra os riscos da interpretação incorreta no seio do cristianismo. E aqui os riscos estariam, como mostra a sequência do texto, muito precisamente em escolher as ideias e a linguagem de uma das “seitas filosóficas” daquele tempo para dar roupagem à doutrina cristã : “ Mas onde estavam com a cabeça aqueles [entenda-se cristãos] que pretendiam compor para nós um cristianismo estoicista, platônico ou dialético?”

Tertuliano não está proscrevendo o papel da razão na fé, mas destacando a preeminência e a especificidade do dado bíblico. Essa frase famosa tem pelo menos mais um paralelismo em sua obra, menos notado pelos arautos do irracionalismo de Tertuliano. Agora ele está se dirigindo, com a costumeira veemência, aos tribunais do império romano em defesa da causa dos cristãos, já no final de seu *Apologeticum*. O ponto preciso que o brilhante advogado está a debater é o seguinte : os cidadãos e as autoridades do império romano – “que por conviver diariamente conosco estão convencidos de nossa verdade e do que há de bom em nossa seita ” – insistem no entanto em ver no cristianismo uma seita de filosofia como qualquer outra, pois, dizem eles os filósofos professam e ensinam, como os cristãos, a inocência, a justiça, a paciência, a sobriedade e a pudicícia.

Ora, argumenta Tertuliano, se assim é, por que então não podem os cristãos professar publicamente e sem repressão a sua doutrina? Já que nossas seitas se assemelham, por que os filósofos não são condenados, como os cristãos, aos mesmos suplícios? Para Tertuliano, há de fato uma diferença, e ela está, não na recusa da razão, mas na maneira de encarar a verdade e viver de acordo com ela. Há filósofos que simulam seguir a verdade mas na prática a corrompem, pois só estão em busca de prestígio e de glória. Não é assim entre os cristãos : eles buscam a verdade porque necessitam dela, e a professam em sua integridade, pois só buscam a salvação. Daí a frase de Tertuliano : “Que há de semelhante (*simili*) entre um filósofo e um cristão ? Entre um discípulo da Grécia e um discípulo do céu ? entre um homem preocupado com a fama e um homem preocupado com a vida ? Entre alguém que só fica no palavreado e alguém que age (*operator verborum et factorum*) ? entre quem destrói e quem constrói? Entre quem altera a verdade e quem a procura manter em sua integridade?” (*Apol XLVI*). Penso eu que quem percorrer com atenção os escritos de Tertuliano perceberá, quanto a essa problemática, que empolgado pela adoração da verdade – pela evidência da verdade tida como autoridade suprema - e não da mentira (*Apol XII, 7 e XV, 8*), o que ele visava sem indulgência era certo orgulho de certas filosofias ou de certos filósofos... Por mais que se possa discordar dessa concepção, não me parece que se lhe possa atribuir pressupostos irracionais.

Em maio de 2007, Bento XVI tomou como tema de uma audiência pública a figura e o pensamento “teológico e filosófico” de Tertuliano, “essa grande personalidade moral e intelectual que muito me faz pensar”, e que, ainda segundo Bento XVI, “adotou o método especulativo para ilustrar os fundamentos racionais do dogma cristão” (texto completo em www.vatican.va).

Sirvo-me desta menção para evocar, em conclusão, a faceta de Tertuliano “teólogo”, notando de imediato que a palavra não existia então com o sentido específico que só mais tarde iria adquirir. Tertuliano

percebeu com muita clareza que aquela fé ainda tão nova devia dar suas razões (insisto sobre a palavra razões) ao mundo em que surgia, e à cultura dominante ("pagã") que a envolvia.

Segundo Jean Daniélou, que considera Tertuliano um gênio cuja obra é até certo ponto sem ascendência nem descendência, a teologia que ele elaborou consiste essencialmente "numa tentativa de organização das realidades conhecidas pela razão e pela fé"²⁴. Como se vê, a relação "*ratio/fides*" é assunto antigo, e Tertuliano tem nele uma participação original, nos dois sentidos da palavra! No exercício pioneiro dessa sua atividade de intelectual cristão, ou teólogo, Tertuliano atrela-se à tarefa de traduzir a língua e a cultura latinas em língua e cultura cristãs.

Por exemplo, é ele o primeiro a servir-se da palavra sacramentum (que no latim clássico significava juramento) para traduzir o grego mysterion, introduzindo-a no vocabulário teológico do cristianismo latino; é ele quem aclimata e introduz na teologia latina - e no latim dos cristãos - palavras e noções cuja importância já se revela na simples menção delas, como "*substantia*" (mais de 300 vezes!), "*persona*" (aplicada particularmente à sua teologia trinitária: *una persona, tres substantiae*); é ele quem ajuda a consolidar em nosso vocabulário teológico outras palavras como, por exemplo, "*salus*", "*salvatio*", "*salvator*", "*resurrectio*", e remoendo por dentro a semântica da romanidade clássica extrai e forja novo sentido para termos tão marcantes como "*religio*" e "*fides*".

E assim por diante. É ele "o primeiro teólogo a desenvolver uma reflexão sistemática acerca de uma virtude"²⁵, no caso a que mais lhe faltava segundo confessou : a paciência, inaugurando com essa reflexão o encontro da nova religião cristã com os valores da sabedoria antiga e operando assim a transição dialogante da espiritualidade evangélica com a tradição moral "pagã". Assim como também é dele "o mais antigo

²⁴ Jean Daniélou, "Les origines du christianisme latin", Ed. du Cerf, Paris, 1978, principalmente pp. 123-159.

²⁵ Jean-Claude Fredouille na Introdução ao tratado *De patientia*, col. Sources Chrétiennes, Cerf, Paris, 1984, p. 21

comentário do Pater Noster de que se tem conhecimento em qualquer língua"²⁶, e a primeira autoria da teologia do batismo.

Por estas e muitas outras, ele é, com justa razão, considerado o criador da linguagem teológica que, no essencial, ainda é a nossa no ocidente latino. Talvez mais do que nenhum outro dos Padres da Igreja, Tertuliano foi, para retomar uma sugestiva expressão de Lubac, um "teólogo de ocasião", neste sentido, em nada banal, de que foi um homem atento aos debates e aos problemas de seu tempo, a ponto de praticamente construir sua obra em resposta às urgências que se apresentavam à comunidade cristã. Ele percebeu, por exemplo, que a fé no Deus trino (seu livro *Contra Praxeas* é o mais antigo tratado sobre a Trindade...) nada tinha, nada devia ter, nada podia ter com superstições, nem com devoções que desviavam mentes e corações da verdade, nem com certas ideias heterodoxas que podiam macular a integridade da fé.

Nesta linha, ele afronta num cerrado debate teórico as "heresias" do seu tempo, como a gnose, o docetismo, a exegese esotérica das parábolas, as especulações desviantes sobre os anjos, condena sistematicamente as superstições em geral, etc, num trabalho que tem tudo a ver com a fundamentação racional da fé. Tertuliano reagiu fortemente contra a expressão judaico-cristã do cristianismo por dois motivos principais, segundo Jean Daniélou : "a fim de dar ao cristianismo uma feição latina, e também para livrar a mensagem cristã daqueles aspectos míticos que os pagãos criticavam ironicamente". Essa sua percepção o leva a levantar - para o seu tempo e os séculos vindouros - a bandeira da *regula fidei*, da norma da fé, bandeira que seria retomada por todos os outros Padres latinos e, na sequência, pela teologia cristã.

Para ele, o cristianismo devia sempre manifestar-se como unidade graças à sua conformidade com a norma da fé, posto que essa norma, ou

²⁶ Trata-se de seu tratado *De oratione* : cf. J. Quasten, *Initiation aus Pères de l'Église*, Paris, 1956, t. II, p. 352.

regra, vinha do Cristo ("*regula a Christo*"²⁷). Por outro lado, e em decorrência das elevadas exigências por ele atribuídas à *regula fidei*, Tertuliano será levado a precisar o papel da Tradição apostólica na vida da Igreja (a regra vinda do Cristo é também "*de apostolorum traditione*"²⁸), desenvolvendo assim as relações entre Escritura e Tradição, a apostolicidade como critério da fé, a continuação da tradição apostólica nas Igrejas fundadas pelos apóstolos, e a presença do Espírito Santo na Igreja, que ele evocava como sendo o "sábio arquiteto"²⁹ que a constrói e santifica. É célebre o seu arremate a este respeito: "*ecclesia ab apostolis, apostoli a Christo, Christus a Deo*"³⁰; a Igreja vem dos apóstolos, os apóstolos do Cristo, e o Cristo de Deus.

A essa sua atualidade eclesial como pensador da fé profundamente inserido na cultura de seu tempo, acrescentemos outra, de caráter mais social no sentido laico da palavra: esse grande intelectual cristão seria reconhecido, cerca de 1600 anos mais tarde, como um grande arauto da liberdade de consciência³¹. E por quem? Por Diderot, ateu, anticlerical assumido, organizador principal da famosa Enciclopédia francesa, promotor do que se pode talvez chamar de alguns dos paradigmas da descrença moderna. Escrevendo a seu irmão, que era padre católico e acabara de ser nomeado para o cargo de "propagador da fé" em sua diocese francesa, Diderot anexou à carta o texto do artigo da Enciclopédia, justamente sobre a intolerância, no qual era citada, elogiosamente, esta passagem de Tertuliano: "é conforme ao direito humano e às leis da natureza respeitar o que cada um pensa; (...) e não é conforme à religião obrigar os outros a seguir a religião, porque esta deve ser adotada livremente e não por coação" (*Ad Scapulam* II,2). O som firme dessa voz ecoaria, embora sem citação explícita, 1800 anos mais tarde no decreto

²⁷ *De praescriptione haereticorum* XIII, 6

²⁸ id. XXI, 6

²⁹ *Adv. Marcionem* III, 23,2

³⁰ *De praescriptione haereticorum* XXI, 4 e XXXVII, 1.

Dignitatis humanae do Concílio Vaticano II : "o direito à liberdade religiosa tem por fundamento a própria natureza do ser humano..."; "em matéria religiosa ninguém seja levado a agir contra a consciência" (*DH*, n.2).

©Magno Vilela

São Paulo, 26 de outubro de 2009

³¹ Cf. P.-E. Dauzat Pierre-Emmanuel Dauzat em *Tertullien, Apologétique*, col. Les Belles Lettres, Paris, 1988, p. VIII.